



2219 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

A FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO, O PENSAMENTO REFLEXIVO E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA FORMAÇÃO DE UM AMBIENTE ESCOLAR DEMOCRÁTICO.

Damarli Guarnieri - UEL - Universidade Estadual de Londrina
Maria Aparecida Lima Piaí Rosa -

Resumo: Esse trabalho discute a função social da escola a partir dos conceitos deweyano de democracia, experiência e professores reflexivos para pensar a escola e a experiência do processo educativo. A proposta é pensar a escola como laboratório da vida social, como um espaço para o exercício do pensamento reflexivo e da democracia, integrando igualmente alunos oriundos de diversos ambientes. Por meio da experiência pensada e proporcionada pelo professor o estudante interage com o meio, reflete sobre suas ações e constrói seu conhecimento. Frente à aprovação da reforma do Ensino Médio que retira a obrigatoriedade de algumas disciplinas, entre elas a filosofia e, o crescente apoio de grupos conservadores com relação à proposta da Escola sem Partido, pensar reflexivamente se apresenta como uma tarefa urgente da qual o professor e a escola não podem se eximir. Ante aos acontecimentos que assolam nosso país, em mais um momento histórico de enfraquecimento das bases democráticas há a necessidade de fortalecer essas bases por meio de atitudes questionadoras, reflexivas e dialogadas.

Palavras-chave: Democracia; Experiência; Pensamento reflexivo.

A FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO, O PENSAMENTO REFLEXIVO E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA FORMAÇÃO DE UM AMBIENTE ESCOLAR DEMOCRÁTICO.

Resumo: Esse trabalho discute a função social da escola a partir dos conceitos deweyano de democracia, experiência e professores reflexivos para pensar a escola e a experiência do processo educativo. A proposta é pensar a escola como laboratório da vida social, como um espaço para o exercício do pensamento reflexivo e da democracia, integrando igualmente alunos oriundos de diversos ambientes. Por meio da experiência pensada e proporcionada pelo professor o estudante interage com o meio, reflete sobre suas ações e constrói seu conhecimento. Frente à aprovação da reforma do Ensino Médio que retira a obrigatoriedade de algumas disciplinas, entre elas a filosofia e, o crescente apoio de grupos conservadores com relação à proposta da Escola sem Partido, pensar reflexivamente se apresenta como uma tarefa urgente da qual o professor e a escola não podem se eximir. Ante aos acontecimentos que assolam nosso país, em mais um momento histórico de enfraquecimento das bases democráticas há a necessidade de fortalecer essas bases por meio de atitudes questionadoras, reflexivas e dialogadas.

Palavras-chave: Experiência. Pensamento reflexivo. Democracia.

Introdução

O professor reflexivo, que se baseia nas suas experiências a fim de melhorá-las e desse modo planejar sua prática é capaz de proporcionar uma educação de qualidade num ambiente democrático? Há por parte desses professores a vontade de mudar sua prática por meio da experiência e replanejá-la, ou preferem conservar um ensino metódico e conteudista sem correr o risco de ter alunos questionadores?

Tais inquietações nos direcionam para a busca de possíveis respostas, pois quando se trata de ensino, nós professores, precisamos ter uma postura altruísta, já que é na escola que acontece a formação intelectual do sujeito e, é esse sujeito que será agente ativo no seu meio social e que poderá contribuir ou não para a evolução dessa mesma sociedade. Portanto, é relevante que o professor tenha consciência de sua prática como prática política, como prática libertadora de um sistema de opressão como ressaltou Freire, desta forma, podem direcionar os estudantes para a emancipação e, essa emancipação se dá por meio do diálogo, pois segundo Freire, “Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo. [...] Sem ele não há comunicação e sem está não há verdadeira educação” (FREIRE, 2011, p. 115).

Como a educação não é um trabalho somente para o presente, mas com consequências também no futuro, isso requer que ela própria também se torne uma prática reflexiva se refazendo e reformulando num constante planejar.

A capacidade humana de pensar reflexivamente tem destaque na filosofia de DEWEY (1979b). É essa capacidade que nos distingue dos demais animais. Para esse autor o pensamento reflexivo é um conceito estruturante de sua proposta educacional. O pensamento pode seguir caminhos que levem a cometer erros e enganos, Dewey afirma ser necessário uma orientação educacional cuidadosa e atenta. Logo, o papel do professor na formação dos seus alunos é de grande responsabilidade, uma vez que ele está inserido e é agente ativo desse processo, portanto, para êxito do sistema educacional é necessário que o professor seja reflexivo, pois “a reflexão se origina em situações em que o ato de pensar é parte no curso dos acontecimentos e se destina a influir no resultado destes” (DEWEY, 1979a, p.161).

Para este filósofo, as situações representam a complexa interação e continuidade que se dá em um meio social e que compõe o ambiente educativo. Quando o indivíduo interage com o meio, o mesmo fornece as condições necessárias para desenvolvimento humano, ou seja, de realizar atividades próprias do grupo em que se está inserido. O ser humano nasce imaturo e por meio do convívio social se transforma. A escola também é um ambiente social, porém planejado e com alguns objetivos traçados, fazendo com que a educação institucionalizada crie e desenvolva condições mais adequadas para o crescimento humano. “O critério do valor da educação escolar está na extensão em que ela suscita o desejo de desenvolvimento contínuo e proporciona meios para esse desejo” (DEWEY, 1979a, p. 57).

A relevância dessa discussão justifica-se pela necessidade de fortalecer cada vez mais uma postura democrática, portanto questionadora, reflexiva e dialogada diante dos acontecimentos que assolam nosso país nesse momento histórico de enfraquecimento das bases

democráticas e fortalecimentos de atitudes conservadoras de vários tipos de preconceitos e de manutenção de privilégios.

O conceito de pensamento reflexivo discutido neste trabalho tem sua fundamentação na filosofia pragmática de John Dewey (1859-1952), um dos precursores da tendência progressista de educação influenciou o modelo educacional brasileiro com o Movimento Escolanovista.

1. Pensamento Reflexivo e Democracia

Professores reflexivos e posturas reflexivas no ambiente escolar são condições necessárias para uma educação de qualidade, ou seja, uma educação democrática e, conseqüentemente, para romper com as estruturas sociais desiguais que permanecem no Brasil desde o Período Colonial.

Diante da Reforma do Ensino Médio aprovada em 2017 e da proposta do Programa Escola sem Partido^[1], pensar reflexivamente é uma tarefa urgente da qual o professor e a escola não podem abrir mão. A democracia é para Dewey a experiência de participação voluntária e cooperativa para resolver os problemas que a sociedade apresenta, pois “é somente a experiência de participar voluntária e cooperativamente em grupos para resolver problemas e aproveitar oportunidades, que pode apontar para o indivíduo a necessidade de um espaço público democrático” (FRANCO, 2008, p. 18). Ao participar dos empreendimentos coletivos ou comunitários que o indivíduo toma consciência da responsabilidade e da necessidade de cooperação e da sua condição de agente político democrático.

Dewey no alerta sobre os impeditivos à prática democrática tais como a “Intolerância, abuso, ofensas pessoais por causa de diferenças de opinião sobre religião ou política ou negócios, bem como por causa de diferenças de raça, cor, riqueza ou nível cultural são uma traição ao modo de vida democrático” (DEWEY, 2008b, p. 135). Ao propor a radicalização da democracia, Dewey quer trazer a toma o caráter cooperativo e comunitário de uma vida democrática. Segundo Augusto de Franco, “Dewey percebeu que toda democracia é local, no sentido de que a democracia é um projeto comunitário. Ele não tinha, como é óbvio, as palavras atuais para descrever o que pensava, mas farejou os conceitos – como se ouvisse ecos do futuro” (FRANCO, 2008, p. 20).

Em seu texto *A democracia é radical de 1937* Dewey critica a manipulação da democracia e do liberalismo pelos ideais capitalistas e que os denominados Estados democráticos alcançaram uma democracia burguesa no qual o “poder reside, em última instância, nas mãos do capitalismo financeiro, a despeito das reivindicações que são feitas por um governo do povo, pelo povo e para o povo” (DEWEY, 2008a, p. 125). Dessa forma, uma democracia que de fato seja feita pelo povo e para o povo ainda não foi alcançada e Dewey está consciente disso e também dos rumos para se alcançar essa expectativa.

O que a história mostra, de acordo com Dewey, é que a “ascensão de governos democráticos tem acompanhado a transferência de poder dos interesses agrários para os interesses industriais e comerciais” (DEWEY, 2008a, p. 125) a que se denominou liberalismo, pois essa transferência de poder se deu com lutas e os representantes dos interesses industriais e comerciais legitimaram sua luta assegurando que suas causas eram em nome da liberdade e da livre escolha e iniciativa dos indivíduos. A isso se deu o nome de liberalismo, ou seja, os liberais ou partidos liberais “eram aqueles que lutavam pelo máximo de ação econômica individualista com um mínimo de controle social, e assim o faziam no interesse daqueles empenhados na produção e comércio” (DEWEY, 2008a, p. 125-126).

Essa perspectiva liberal para Dewey está ultrapassada e se constitui uma insensatez social, pois falhou na realização dos ideais de liberdade e individualidade, dando poder para poucos legislar sobre a vida e os pensamentos de muitos. O próprio sistema econômico traz consigo a repressão da liberdade e vem criando barreiras para o desenvolvimento da própria individualidade.

O liberalismo político, econômico ou industrial ou o capitalismo não se apresentam como condição para o estabelecimento da democracia. A proposta democrática do liberalismo acaba por se perder quando o liberalismo se constituiu como um sistema competitivo, excludente, consumista e acumulativo, típico do individualismo capitalista. Dewey salienta que inclusive as ditaduras afirmam assegurar para os indivíduos desenvolvimento pessoal, mas essa não é uma proposta regida por uma experiência ética social demo e reflexiva. A democracia não se reduz a suas finalidades, mas suas finalidades se tornam meios para novos objetivos, seus fins são seus próprios meios: “os meios democráticos e a realização dos fins democráticos são unos e inseparáveis” (DEWEY, 2008a, p. 128). A experiência só é social for compartilhada, comunicada e solidarizada; a democracia é uma experiência solidária, simpática ao bem comum e livre ao desenvolvimento das capacidades humanas.

O problema do poder, para Dewey é que aqueles que o possuem nunca o renunciam, a não ser por força física e isso acaba justificando as ditaduras que “alegam agir em nome das massas oprimidas quando na verdade atuam para exercer o poder contra as massas” (DEWEY, 2008a, p. 128). O sistema capitalista deu tanta ênfase no aproveitamento do potencial material que os “recursos não aproveitados são agora os humanos ao invés dos materiais” (DEWEY, 2008b, p. 132). Esse desperdício pode ser encontrado em “homens e mulheres adultos que não têm a chance de trabalhar, e nos rapazes e moças jovens que encontram portas fechadas onde antes havia oportunidade” (DEWEY, 2008b, p. 132).

Segundo Dewey,

Não há oposição na defesa de meios democráticos liberais combinados com fins que são socialmente radicais. Não apenas não existe contradição, mas nem a história nem a natureza humana dão motivos para se supor que fins socialmente radicais possam ser atingidos por outros meios que não os meios democráticos liberais.

Dewey não via os fins democráticos serem alcançados por nenhuma sociedade de seu tempo. Para isso acontecer, segundo ele, seria necessária “uma enorme mudança nas instituições sociais, econômicas, jurídicas e culturais existentes” (DEWEY, 2008a, p. 128). Teria de haver uma mudança radical nas instituições, inclusive na escola que deveria ser espaço da experiência democrática por excelência por ser ambiente de desenvolvimento da inteligência social, por isso ele usa o termo democracia radical.

Alcançar a democracia é torná-la um modo de vida pessoal e isso segundo Dewey não envolve algo novo, mas talvez uma postura nova, conferindo um novo sentido prático para as velhas ideias. Quando os ideais democráticos deixam de ser somente ideais e passam a ser praticados,

[...] significa que os inimigos poderosos atuais da democracia podem ser confrontados com sucesso apenas pela criação de atitudes pessoais nos seres humanos individuais; que devemos superar nossa tendência de pensar que sua defesa pode ser encontrada em meios externos quaisquer, sejam militares ou civis, se eles estiverem separados de atitudes individuais arraigadas a ponto de constituir o caráter pessoal (DEWEY, 2008b, p. 133).

É importante estabelecer o pensamento reflexivo como um fim educacional, pois por meio o ato de pensar é possível refletir sobre causas e conseqüências em diferentes situações e escolher as melhores opções de acordo com seus objetivos de forma consciente e planejada. Dewey ainda explica que uma dimensão ética que embasa a prática democrática está caracterizada por três atitudes para se desenvolver o

hábito de pensar de maneira reflexiva - espírito aberto, interesse absorvido ou de todo o coração e responsabilidade. Dessa forma,

Quando alguém está absorvido, o assunto o transporta. Perguntas espontâneas lhe ocorrem; uma torrente de sugestões o inunda; depara e segue outras pesquisas e leituras; não precisando despendar energia em prender o espírito ao assunto [...] é a matéria que o prende, imprimindo ao ato de pensar um impulso para frente. O entusiasmo genuíno é atitude que opera como força intelectual. O professor que desperta tal entusiasmo em seus alunos conseguiu algo que nenhuma soma de métodos sistematizados, por corretos que sejam, poderá obter (DEWEY 1979b, p 40).

O autor pensa a escola como um ambiente ético e inteligente, ambiente que instiga e possibilita o desenvolvimento de um pensamento mais crítico e reflexivo de forma organizada e democrática, tendo em vista os interesses de todos os seus integrantes em igualdade de importância.

As formulações de John Dewey sobre o pensamento reflexivo, resultante da distinção entre o pensar como rotina e o pensar reflexivo, vão fundamentar a visão de formação de professores que busca romper com a racionalidade técnica e, assim propor por meio de uma racionalidade reflexiva favorecendo a construção de um ambiente democrático a participação proporcionaria às pessoas experimentar novas formas de gerir suas vidas e seu meio social. Daí a pergunta: É possível uma educação na democracia e para a democracia sem professores reflexivos?

Tal pergunta foi incitada a partir da leitura de textos de John Dewey, sobretudo o livro *Democracia e Educação* (Capítulos 7: Concepção democrática de educação e capítulo 11: Experiência e pensamento), no qual ele discute o papel do professor reflexivo e propõe a necessidade de uma educação para e na democracia e, no livro *Como Pensamos*. Para Dewey só se pode alcançar a democracia experimentando ações democráticas, pois democracia, para ele, não se restringe a uma forma de governo, mas está ligada ao um modo de vida. "Não é possível tomar um atalho autocrático para uma sociedade democrática. A democracia é, como ele diz, simultaneamente, meio e fim, constituindo-se, portanto, como alternativa de presente" (FRANCO, 2008, p. 13) e não como uma perspectiva futura. A prática democrática é condição necessária para se alcançar uma democracia, assim, alcança-se a democracia por meio de práticas democráticas.

Para Dewey concretizar o ideal democrático na sociedade, ele recorreu à educação como um fenômeno de extrema importância, capaz de proporcionar um espaço democrático, isto é, um espaço para todos, inclusive o "homem comum" numa aposta nas relações sociais com fé que todas as pessoas tenham a capacidade de gerir suas vidas sem a imposição dos outros membros desde que sejam oferecidas condições para isso. A educação seria então esta condição ou pelo menos parte dela. Essa crença generosa nas possibilidades do ser humano traz consigo:

[...] a necessidade de fornecer condições que possibilitem que essas capacidades realizem-se. A fé democrática na igualdade humana é a crença que todo ser humano, independente da quantidade ou extensão de seu dom pessoal, tem direito a uma oportunidade igual a todas as outras pessoas para desenvolver os talentos que possui (DEWEY, 2008b, p. 134).

Dewey foi um dos maiores defensores da democracia, por ter afirmado que é possível conceber uma sociedade melhor, quando essa sociedade se apoia nos princípios de uma vida democrática que, é a única forma digna da vida humana e não se pode pensar a democracia sem se pensar na educação, pois apostar na democracia é apostar na capacidade do ser humano de se autogerir desde que haja condição para isso e, a educação é o instrumento social que pode fornecer essa condição.

Quanto ao aspecto educativo, observaremos primeiro que a realização de forma de vida social em que os interesses se interpenetram mutuamente e em que o progresso, ou readaptação, é de importante consideração, torna a comunhão democrática mais interessada que outras comunhões na educação deliberada e sistemática. O amor da democracia pela educação é um fato cediço (DEWEY, 1979b, p. 93).

Numa sociedade com aspirações democráticas o processo educativo estaria de acordo com esse ideal democrático, as experiências escolares seriam experiências democráticas. Dewey afirma que uma sociedade "deve procurar fazer que as oportunidades intelectuais sejam acessíveis a todos os indivíduos, com iguais facilidades para os mesmos [...] assim, a democracia é mais do que uma forma do governo, é uma forma de vida associada, de experiência conjunta e mutuamente comunicada" (DEWEY, 1979a, p 94).

As oportunidades de desenvolvimento não deveriam se restringir a um grupo, as ações democráticas pautam num interesse mútuo e não individualista. Fazer as instituições políticas funcionarem é uma aposta muito pequena na democracia. Apostar na democracia é confiar nas ações e capacidades do "homem comum" de guiar sua vida, é apostar na natureza humana, nas relações livres e mútuas da vida em sociedade e não de relações coercitivas. Assim, o processo educativo não se basearia numa formação para uma futura prática democrática, mas numa constante experimentação de práticas democráticas que são seriam possíveis num contexto democrático. Por isso a importância da educação como garantidora das condições da ação democrática.

Para Dewey, a educação democrática é aquela na qual a igualdade de oportunidades é um elemento fundamental, isto é, todos os indivíduos presentes no processo de ensino e aprendizagem devem ter a mesma oportunidade de ensino.

O processo educativo, no contexto democrático, tende a formar no aluno um sentimento democrático que se estenderia para prática nas suas mais diversas ações sociais cotidianas. Esse sentimento se desenvolveria num ambiente democrático de modo a proporcionar a troca entre as diferentes experiências individuais, onde o aluno, ao se encontrar com os outros colegas, se enriqueceria compartilhando as experiências, ocorrendo, assim, relações onde cada um aprende com o outro e respeita a experiência individual de cada um. Em Dewey, a democracia não se aprenderia somente na escola, mas numa sociedade que pratica democracia. A escola seria então uma sociedade em miniatura, proporcionando a reconstrução da experiência para as novas experiências.

Deste modo, "as escolas, todavia, continuam sendo o exemplo típico do meio especialmente preparado para influir na direção mental e moral dos que a frequentam" (DEWEY, 1979a, p 20). Por isso, a escola é um ambiente especial onde se forma o aluno para o agora, para reconhecer sua condição de imaturidade, assumindo a responsabilidade pelo seu crescimento, para a aquisição de valores e para a intervenção social como membro dessa sociedade.

2. Pensamento Reflexivo e Professores Reflexivos

A compreensão da função social da educação compromissada com a construção de uma sociedade democrática, nos leva ao conceito de pensamento reflexivo. Essa forma de pensar, segundo Dewey é a "melhor maneira pensar" é uma "espécie de pensamento que consiste em examinar mentalmente o assunto e dar-lhe consideração séria e consecutiva" (DEWEY, 1979b, p. 13). A capacidade reflexiva para Dewey não

se resume numa sucessão irregular de acontecimentos, a reflexão "não é simplesmente uma sequência, mas uma consequência - uma ordem de tal modo consecutiva que cada ideia engendra a seguinte como seu efeito natural e, ao mesmo tempo, apoia-se na antecessora ou a essa se refere" (DEWEY, 1979b, p. 14). O pensamento reflexivo é um pensamento concatenado e claro no qual as informações estão organizadas em cadeias, o fluxo de informação não desconecta uma informação da outra. "E qualquer pensamento reflexivo há unidades definidas, ligadas entre si de tal arte que o resultado é um movimento continuado para um fim comum" (DEWEY, 1979b, p. 14).

A capacidade lógica de concatenar as informações numa cadeia conexa, relacionando causa e consequência é característica do pensamento reflexivo. Todo esse encadeamento lógico direciona para algum lugar, para uma conclusão "passível de construir uma substância exterior à corrente de imagens" (DEWEY, 1979b, p. 15). Todo ato de pensar desenvolve crenças, ou hábitos. Dewey entende que pensamento reflexivo coloca as crenças sob o crivo da reflexão para avaliar a pertinência na solução dos problemas "O pensamento reflexivo faz um ativo, prolongado e cuidadoso exame de toda crença ou espécie hipotética de conhecimento, exame efetuado à luz dos argumentos que a apoiam e das conclusões a que chega" (DEWEY, 1979, p. 18). Dessa forma, o pensamento reflexivo contempla o ato consciente e lógico, carecendo de um esforço consciente e voluntário para se constituir como tal, colocando as crenças à prova.

Num modo de pensar reflexivo as conclusões ou verdades tornam-se pontos a serem interrogados. A inquirição também é uma das características do pensamento reflexivo. As conclusões permitem novos pontos de partidas, passam a ser novos meios para se alcançar novos fins, num movimento de constante reconstrução.

O pensamento reflexivo consiste num pensamento que percebe o curso das coisas, a capacidade de causa e efeito, o curso concatenado das coisas e dos acontecimentos.

Dewey afirma que o ser humano aprende o hábito de aprender. Segundo ele,

A reflexão não é simplesmente uma sequência, mas uma consequência - uma ordem de tal modo consecutiva que cada ideia engendra a seguinte como seu efeito natural e, ao mesmo tempo, apoia-se na antecessora ou a esta se refere. As partes sucessivas de um pensamento reflexivo derivam umas das outras e sustentam-se umas às outras (DEWEY, 1979b, p.14).

O professor reflexivo planeja sua prática por meio da análise das suas experiências anteriores, a fim de melhorá-las, está sempre questionando, investigando, vendo problemas e possibilidades de sua prática pedagógica. O processo educativo se constitui como um processo científico, pois a educação para Dewey deve ser experimental, deve fazer uso do método experimental. Assim, o professor reflexivo é aquele que experimenta e que leva seus alunos a experimentarem também. O professor instiga os alunos a levar hipóteses e a testar essas hipóteses. As respostas são alcançadas e não dadas ou apresentadas prontas. Chega-se às conclusões na medida em que a reflexão cria formas de agir. Os professores reflexivos não seguem manuais prontos às cegas, eles questionam os próprios manuais; eles experimentam, não aceitam as coisas prontas e acabadas procurando chegar às suas próprias conclusões e fazendo dessas conclusões meios para agir e para novas investigações, novos fins. Pois, segundo Dewey "o processo educativo não tem outro fim além de si mesmo: ele é seu próprio fim [...] o processo educativo é um contínuo reorganizar, reconstruir, transformar". (DEWEY, 1979a, p. 53).

3. A Escola e a Experiência no Processo Educativo

Na concepção deweyana (1979a, p.23), a escola tem uma importante função social, ela funciona como um laboratório da vida social. Se ela distância seus conteúdos da vida cotidiana dos alunos esses conteúdos terão pouco significado, mas se os conteúdos tiverem significados e envolver esses estudantes, serão apreendidos. Assim, Dewey propõe uma metodologia voltada para a experiência do aluno. A função social da educação tem o papel de integrar alunos oriundos de diversos ambientes, de raças, religiões e costumes diferentes em um meio novo e mais vasto, com o objetivo de tratar a todos com igualdade impondo a escola uma função fortalecedora e integradora levando e discutindo os mais diversos interesses dentro do contexto coletivo.

Para se construir um ambiente democrático é necessário interesse e disciplina tanto por parte do professor como por parte dos alunos. Dewey trata essa relação como aspectos correlativos da atividade provida de um objetivo. A expectativa é que o professor reflexivo seja um agente no ambiente escolar, que busque resultados benéficos ao bem-estar social se preocupando com as consequências de suas práticas pedagógicas, com as consequências de seu trabalho. A expectativa é que as experiências interfiram de forma positiva nos objetivos. "O interesse representa a força que faz mover os objetivos" (DEWEY, 1979, p. 142). O bom professor ou o professor reflexivo seria aquele que daria direção às atividades dos alunos com o intento de "consolidar no indivíduo as condições necessárias para que um dia ele não precise mais de orientação, para que ele consiga desenvolver a habilidade da reflexão consequente e, assim, alcance a independência e a autonomia" (CORREA; MATOS, 2014, p. 26), ou seja, assim como a criança depende do adulto, os estudantes dependem do professor "que tenha boa vontade, conhecimento e experiência suficientes para indicar o caminho que formará nela um juízo crítico e independente" (CORREA; MATOS, 2014, p. 26).

Segundo John Dewey (1979a) nem sempre uma atividade é uma experiência, ele diz que há na natureza da experiência dois elementos um ativo e outro passivo, porém combinados; o ativo é a experimentação e o passivo é o sofrimento de passar por alguma coisa. Na combinação entre esses elementos agimos sobre o objeto de experiência e ele por sua vez age em nós. Passar por uma experiência nos faz sofrer e agir sobre as consequências que ela traz, sendo assim, uma forma de modificar um fato futuro, o agente usa a experiência para aprender. "Aprender da experiência é fazer uma associação retrospectiva e prospectiva entre aquilo que fazemos às coisas e aquilo que em consequência essas coisas nos fazem gozar ou sofrer." (DEWEY, 1979a, p. 153).

Dewey diz que não é possível adquirir conhecimento apenas como espectador, pois o espectador é aquele que observa com indiferença, este caso somente se acumula informações na mente do aluno. Esse cenário é comum em muitas salas de aula no qual o aluno é espectador, o que muitas vezes acontece é a transmissão de instruções, como se o aluno fosse uma esponja e absorvesse todo o conhecimento apenas repassado, como se conhecimento fosse transmissão e não construção. Essa concepção tradicional também foi criticada por Paulo Freire e denominada educação bancária (2011, p. 87-105).

Para Dewey é preciso evitar os dualismos, por isso não se deve separar a consciência puramente intelectual e cognitiva dos fatores físicos, pois a criança é composta por esses dois aspectos: física e intelectual. Quando o estudante vai para a escola leva consigo não só o seu intelecto, mas também seu corpo físico, o qual está o tempo todo sentindo e participando do seu processo de aprendizagem, de amadurecimento, uma vez que ele está interessado em aprender o faz de corpo (físico) e alma (intelecto). Quando há interesse por parte do aluno, esse se torna um agente do seu próprio conhecimento e não apenas um espectador, pois segundo Dewey o agente, por meio da experiência, sente, sofre e modifica o seu futuro, ou seja, sofre as consequências daquilo que experimentou.

Quando se tenta suprimir as atividades físicas peculiares às crianças e jovens por meio da disciplina, ou por parecer mais produtiva uma sala silenciosa e por isso “mais atenta”, comete-se um equívoco, pois o aprender por meio de uma experiência requer a interação do intelecto e dos sentidos físicos. Por meio do intelecto pensa-se, reflete-se e por meio do corpo físico sente-se o mundo, sofre-se e assim se dá a mudança. Segundo Dewey, os “sentidos são avenidas para os conhecimentos, não porque os fatos exteriores sejam de certo modo “veiculados” para o cérebro, sim por serem usados para fazer alguma coisa com determinado objetivo” (DEWEY, 1979a, p.155). Reflexão e ação não são coisas separadas, mas articuladas na experiência transformadora do mundo.

Há professores que insistem em um ensino mecânico, onde todo processo de aprendizagem passa por fases de repetição. Dewey cita que algumas matemáticas mesmo as mais avançadas, acontecem como uma simples repetição mecânica de cálculos, técnicas para resolver algoritmos, mas é por meio da experiência que o mundo exterior passa para o mundo interior, para o ser humano. Por isso, Dewey afirma que separar o intelecto das coisas e/ou atribuir a esse espírito exagerada importância também causa um problema; achar que o espírito percebe o mundo independente das suas relações com o próprio mundo pode causar a ilusão de que de fato não há a necessidade dessas relações para entender o mundo, porém é a relação com as coisas que dão a elas significados. É um erro acreditar que há maneira de perceber as relações sem a experiência “sem a combinação do tentar e do sofrer as consequências” (DEWEY, 1979a, p.157).

Dewey afirma que uma única experiência pode produzir mais conhecimento do que muitas teorias, uma vez que “uma teoria a parte da experiência, não pode nem mesmo ser definidamente apreendida como teoria” (1979a, p. 158). Porém sem o elemento intelectual não há experiência; essa seria a combinação entre os sentidos e o pensamento. Mas o cultivo ato de pensar, por si só pode ser uma experiência, pois se faz elemento de continuidade. Nesse caso o pensar é o esforço intencional para descobrir as relações específicas, entre uma coisa que fazemos e a consequência que resulta” (1979a, p. 158). A rotina é o oposto de uma ação reflexiva, a rotina é mecânica deixando as coisas iguais, sem alteração.

A insatisfação com alguma coisa desperta a reflexão, o pensamento, a fim de modifica-lo, o que requer planejamento, traçar metas, possíveis resultados. Para Dewey chega-se a uma conclusão por meio do ato de pensar, e só pensamos quando existe dúvida, o pensar necessita, segundo ele, de investigação, observação e pesquisa.

Para Dewey concretizar o ideal democrático na sociedade, ele recorreu à educação como um fenômeno de extrema importância, capaz de proporcionar um espaço democrático, isto é, um espaço para todos, inclusive o “homem comum” numa aposta nas relações sociais com fé que todas as pessoas tenham a capacidade de gerir suas vidas sem a imposição dos outros membros desde que sejam oferecidas condições para isso. A educação seria então esta condição ou pelo menos parte dela. Essa crença generosa nas possibilidades que ser humano traz consigo:

Considerações Finais

O professor reflexivo elabora suas práticas pedagógicas pensando a escola como um espaço de discussão com os alunos, proporcionando experiências que agucem o pensamento e quebrem as rotinas mecânicas e irrefletidas. O professor reflexivo é aquele que elabora suas atividades de forma científica, ou seja, de forma experimental; é aquele que experimenta e leva seus alunos a experimentarem também. Permitindo que os alunos construam com liberdade sua intelectualidade e compreensão da realidade por meio do exercício do pensamento reflexivo, percebendo a causa e consequência de suas ações e interação com o meio, examinando e experimentando o mundo a sua volta.

Uma das funções sociais do professor, segundo Dewey, é proporcionar as condições objetivas para que os estudantes alcancem o desenvolvimento, isto é, proporcionar um ambiente adequado para que as experiências dos estudantes sejam frutíferas. A escola pode ser entendida como uma instituição promotora do pensamento reflexivo, se ela falha nessa proposta compromete a intenção democrática da sociedade. O fazer reflexivo cotidiano do professor contribui significativamente para a educação democrática. Se o professor não reflete sobre suas práticas dificilmente levará seus alunos a refletir sobre elas também.

O professor reflexivo guia suas atividades não de forma engessada, mas com flexibilidade respeitando as necessidades dos alunos, colaborando para que os conteúdos tomem significados dentro das práticas pedagógicas. A interação do aluno com o meio se dá então de forma consciente e concatenada, permitindo a compreensão dos valores, as causas das ações e suas consequências.

A intenção do professor deve ser a de tornar o aluno independente, pois a proposta de educação reflexiva, de uma educação que promova o pensar reflexivo é uma proposta de educação para a autonomia. E, para Dewey, a criação de um sujeito autônomo se faz dando autonomia para esse sujeito pensar e agir diante dos problemas, provocando o pensar, proporcionando momentos de reflexão sobre as próprias ações, tornando-o consciente da daquilo que o leva a agir e das consequências de suas ações.

Para entender a ausência do pensamento reflexivo ou de uma prática democrática nas ações pedagógicas, talvez, seria relevante fazer novas perguntas: Nossos professores passaram por quais experiências escolares? Quais práticas escolares, familiares e sociais eles experimentaram? A tese deweyana de que um sujeito democrático se forma num ambiente democrático pode nos ajudar a entender a necessidade de professores reflexivos e ao mesmo tempo a ausência desses professores.

O método educativo para Dewey é o método científico no qual a valorização do saber se dá pela experiência. A experiência dos sentidos deve estar acompanhada pelo exercício reflexivo. A ação e a reflexão não se dão de forma desconexa, segundo Dewey, mas uma leva à outra, quebrando a rotina e rompendo com a mecanização da técnica. O método, para Dewey não é um processo de mecanização do pensamento, mas ajudar a desenvolver a capacidade reflexiva do ser humano.

O professor é um profissional que, com sua experiência, pode oferecer contribuições importantes para o aperfeiçoamento dos processos educativos formais, por isso o próprio processo de formação docente não pode apresentar desconexão ou descontinuidade entre teoria e prática. O pensamento reflexivo nesse contexto não está desvinculado da prática docente. O professor se desenvolve e desenvolve seus alunos por meio da reflexão da própria prática pedagógica.

Diante dos acontecimentos que afligem o Brasil nesse momento histórico de enfraquecimento das bases democráticas e fortalecimentos de atitudes autoritárias conservadoras de preconceitos e privilégios, a proposta de uma educação para o pensar e através do pensar, de uma educação para a democracia e através da democracia se apresenta como uma alternativa de esperança na humanidade e num processo educativo ao mesmo tempo mais liberal, democrático e cooperativo.

A democracia brasileira vem se estabelecendo a passos muito lentos, entre progressos e retrocessos. O caminho para alcançarmos uma sociedade mais democrática não está dissociado das práticas democráticas; alcançaremos a democracia praticando a democracia. Ela é causa e consequência de si mesma. A crença na democracia é a crença no ser humano, é a crença na capacidade das pessoas de se auto liderarem, de conduzirem suas vidas sem coerção de outros ou do meio, desde que haja condições para isso e desde que o meio social ofereça tais condições.

O processo educativo não se basearia então numa formação para uma prática democrática futura, mas na própria experiência democrática que não seria possível num contexto não democrático. Dessa forma, a educação escolar seria a garantidora das condições da ação

democrática, pois é um espaço próprio de formação para além dos anseios da família, é um espaço de cooperação e solidariedade muito mais abrangente.

A educação democrática é, para Dewey, aquela que oferece igualdade de oportunidades para todos. O dilema é que o capitalismo amparado pelos meios de comunicação, por mídias cada vez mais sofisticadas, promove o individualismo de uma maneira discreta, mas eficiente, por meio das redes sociais, por exemplo, que apresentam meias verdades, um lado dos problemas que as sociedades enfrentam como se fossem verdades refletidas. As pessoas ficam susceptíveis a essas ideias prontas e as tomam como verdadeiras num processo de desvinculação com a realidade, sem a análise de causa e consequência, dificultando o florescimento de uma sociedade democrática, cooperativa e preocupada com o bem comum.

Referências Bibliográficas

CORREA, Rômulo F; MATOS, José C. O crescimento da liberdade como fim educacional: a relação entre o pensamento reflexivo e a liberdade na obra de John Dewey. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 95, n. 239, p. 11-30, jan./abr. 2014.

DEWEY, John. **Democracia e Educação: introdução à filosofia da educação**. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979a.

_____. **Como pensamos**. Trad. Haydée Camago Campos. 3 ed. São Paulo; Editora Nacional, 1979b.

_____. A democracia é radical (1937). In: DEWEY, J. **Democracia Cooperativa: Escritos Políticos Escolhidos de John Dewey (1927-1939)**. (Orgs. Augusto de Franco e Thamy Pogrebinski) Porto Alegre: Edipucrs, 2008a. p. 125-128.

_____. Democracia criativa: a tarefa diante de nós (1939) In: DEWEY, J **Democracia Cooperativa: Escritos Políticos Escolhidos de John Dewey (1927-1939)**. (Orgs. Augusto de Franco e Thamy Pogrebinski) Porto Alegre: Edipucrs, 2008b. p. 131-138.

FRANCO, Augusto de. Introdução. In: DEWEY, J. **Democracia Cooperativa: Escritos Políticos Escolhidos de John Dewey (1927-1939)**. (Org: Augusto Franco e Thamy Pogrebinski) Porto Alegre: Edipucrs, 2008. p.13-20.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

[1] A proposta de Lei Escola sem Partido tem como pano de fundo enfraquecer o diálogo no ambiente escola, acusando os professores de imposição ideológica, política e religiosa. A proposta era incluir na LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional o Programa Escola sem Partido que proíbe a discussão, o debate e o diálogo na sala de aula acerca dos partidos políticos e de outros temas ligados à religiosidade e moralidades como por exemplo, a discussão de gênero. O programa foi proposto e retirado de pauta no Senado pelo senador Magno Malta do PR-ES.